

Título: O mundo como representação
Autor: Schopenhauer
Ano: -
Páginas: 02
Obs: -

Problema central: Em que consiste a realidade? Qual o objeto da experiência e da ciência?

Tese central: Seguindo a tradição da filosofia de Kant, Schopenhauer critica a filosofia idealista de seu tempo e estabelece a representação <vorstellung> como marco fundador de todo conhecimento. O apogeu de seu pensamento se dá pelo fato de que o mundo não tem uma existência independente da percepção, casando assim as teorias de Kant com Berkeley. O sujeito, portanto, é portador <träger> do mundo. É criatura e criador deste. Sujeito e objeto constituem a representação, sendo assim inseparáveis na percepção e no pensamento.

§ 1

O mundo é minha representação <vorstellung>. – Esta proposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento que é capaz de o levar a este estado, pode dizer-se que nasceu nele o espírito filosófico. Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol, nem uma terra, mas apenas olhos que vêem este sol, mãos que tocam esta terra; em uma palavra, ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação, em relação com um ser que percebe, que é o próprio homem.

Se existe uma verdade que se possa afirmar a priori é esta, pois ela exprime o mundo de toda experiência possível e imaginável, conceito muito mais geral do que os de tempo, espaço e causalidade que o implicam (...). Nenhuma verdade é portanto mais certa, mais absoluta, mais evidente do que esta: tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito. Percepção apenas, em relação a um espírito que percebe. Em uma palavra, é pura representação <vorstellung> (...). (p. 9)

§ 2

Aquele que conhece todo o resto, sem ser ele mesmo conhecido, é o sujeito. Por conseguinte, o sujeito é o substratum do mundo, a condição invariável, sempre submetida a todo fenômeno, de todo objeto, visto que tudo o que existe, existe apenas para o sujeito. Este sujeito, cada um o encontra em si, pelo menos enquanto conhece, não enquanto objeto de conhecimento. O nosso próprio corpo já é ele um objeto e, por conseguinte, merece o nome de re-representação. Com efeito, ele é somente um objeto entre outros, submetido as mesmas leis que estes últimos. É apenas um objeto imediato. Como qualquer objeto da intuição <anschauung>, está submetido às condições formais do pensamento, o tempo e o espaço, de que nasce a pluralidade.

Mas o próprio sujeito, o princípio que conhece sem ser conhecido, não cai sob estas condições visto que é sempre pressuposto por elas implicitamente (...). Portanto, nós não conhecemos nunca o sujeito. É ele que conhece em toda parte em que há conhecimento.

Título: O mundo como representação
Autor: Schopenhauer
Ano: -
Páginas: 02
Obs: -

O mundo, considerado como representação, único ponto de vista que aqui nos ocupa, compreende duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. A primeira é o objeto que tem por forma o espaço e o tempo, e por conseguinte, a pluralidade. A segunda é o sujeito que escapa à dupla lei do tempo e do espaço, sendo sempre uno e indivisível em cada ser que percebe. Só é preciso um sujeito para construir o mundo como representação (...), mas, se este único sujeito que percebe desaparecer, ao mesmo tempo, o mundo concebido como representação desaparecerá também. Estas duas metades, mesmo em pensamento, são inseparáveis. Cada uma delas apenas é real e inteligível pela outra e para a outra. Existem e deixam de existir em conjunto. Elas limitam-se reciprocamente: o sujeito acaba onde começa o objeto. (p. 11)

§ 5

(...)

Todos os debates sobre a realidade do mundo exterior tiveram como origem a extensão ilegítima do princípio da razão aplicado também ao sujeito, e resultou deste antigo mal-entendido que o próprio problema se tornasse inteligível. Por um lado, o dogmatismo realista, ao considerar a representação como um efeito do objeto, tem a pretensão de separar aquilo que constitui um só, ou seja, a representação e o objeto, admite assim uma causa absolutamente distinta da representação, independente do sujeito, isto é, uma coisa absolutamente inconcebível. (...) O ceticismo que se serve do mesmo erro inicial opõe a esta doutrina que, na representação, só o efeito é dado, e nunca a causa; que, por consequência, não é nunca a essência dos objetos que se conhece, mas unicamente a sua ação.

A estas duas teorias pode-se responder primeiro que o objeto e a representação são uma única e mesma coisa, em seguida que o ser dos objetos não é outra coisa senão sua própria ação; que é nesta ação que consiste a sua realidade, e que procurar a existência do objeto fora da representação do sujeito, o ser das coisas reais fora de sua atividade, é um empreendimento contraditório que se destrói a ele mesmo.

(...)

Todo o mundo objetivo é e permanece representação e, por esta razão, é absoluta e eternamente condicionado pelo sujeito; em outras palavras, o universo tem uma idealidade transcendental. Daqui não resulta que ele seja uma ilusão ou uma mentira; ele parece aquilo que é, uma representação, melhor dizendo, uma série de representações cujo vínculo comum é o princípio de causalidade. (ps. 20-23)

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo Como Vontade e Representação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001